



CR

correio do povo rural

Coordenação: Elder Ogliari | rural@correiodopovo.com.br

Reportagem: Cintia Marchi | Ano: 34 Número: 1.750

Rumo ao protagonismo

CÍNTIA MARCHI

Sul do Estado já tem uma fatia de 30% de toda a área cultivada com soja no Rio Grande do Sul. Avanço da cultura na região é facilitado pela integração com a pecuária de corte e rotação com plantações de arroz, mas tem o desafio de melhorar a produtividade

De cultura secundária, a soja tem caminhado há uma década em direção ao protagonismo na metade Sul do Estado, onde já se estende por cerca de 1,7 milhão de hectares, equivalentes a 30% de toda a área que ocupa no Rio Grande do Sul, segundo a Emater. Bem adaptada ao Norte gaúcho, a oleaginosa se consolidou também no Sul pela facilidade de integração com a pecuária de corte (foto acima) e por se mostrar como alternativa às lavouras de arroz. Apesar da estabilização na nova área, os produtores ainda esbarram em limitadores que dificultam o desenvolvimento de toda a potencialidade do grão. Com solo e clima diferentes do lado Norte, o Sul está aberto à pesquisa para oferecer à soja um ambiente mais adequado.

A produtividade é o principal indicativo de que a soja ainda pode avançar. Na safra de 2014/2015, a média de quilos por hectare foi de 2,4 mil no Sudeste e Sudoeste e 2,9 mil no Estado. No mesmo ciclo, o Noroeste, maior região produtora do Rio Grande do Sul, colheu 3,1 mil quilos por hectare, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para a safra de 2016/2017, a Emater estima que, no Nordeste e Noroeste, o rendimento médio por hectare será de 3 mil quilos. As regiões de Passo Fundo e Caxias do Sul poderão alcançar 3,4 mil quilos. Na metade Sul, no entanto, a produtividade não deve passar de 2,3 mil quilos por hectare, de acordo com a estimativa. A regional de Pelotas da Emater, que agrega todo o extremo Sul do Estado, tem calculado um rendimento de 2,1 mil quilos por hectare.

“Ao longo dos anos, nunca foram desenvolvidos programas específicos para a soja na Metade Sul. As empresas sem-

pre se preocuparam em oferecer novas tecnologias ao Norte. Por isso, o Sul ainda não tem todo o seu potencial produtivo desenvolvido para a soja”, explica o diretor técnico do Instituto Riograndense do Arroz (Irga), Maurício Fischer.

A busca de novos horizontes para o grão na metade Sul é a pauta principal de um grupo de trabalho que foi criado no final do ano passado, formado pelo Irga, Embrapa Trigo, Embrapa Clima Temperado, Embrapa Soja, universidades, empresas e cooperativas. A primeira reunião ocorreu em dezembro e a segunda está marcada para março, quando serão elaborados um diagnóstico da cultura na região, estabelecidas estratégias para o avanço da oleaginosa e relacionadas às demandas dos produtores. O chefe-geral da Embrapa Trigo, pesquisador Sérgio Dotto, diz que, para a safra de 2017/2018, já será possível apresentar uma recomendação técnica para o cultivo aos sojicultores.

Do total da área de soja da metade Sul, cerca de 300 mil hectares têm sido cultivados na várzea, em rotação com o arroz, segundo o Irga, o que implica em tecnologias e manejos diferenciados. A pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, Ana Cláudia Barneche de Oliveira, que atua na área de melhoramento de soja, afirma que uma das lacunas é a baixa disponibilidade de cultivares adaptadas à Metade Sul. “O mercado dispõe de variedades boas, mas ainda tem muito espaço para melhorar. As variedades têm que tolerar veranicos e encharcamentos e ser resistente a doenças”, observa, ao lembrar que a adaptação do solo também é fundamental.

Para o professor do Departamento de Fitotecnia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialista em

manejo em áreas de arroz, Enio Marchesan, investimentos em pesquisa são fundamentais. “A soja potencializa o uso dessas áreas como um sistema de produção, na integração lavoura-pecuária. Só que é uma nova cultura, que chega com novas informações. É preciso aprender e reaprender e encontrar o nosso jeito de fazer soja na várzea”, ressalta.

Na opinião do primeiro vice-presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Gedeão Silveira Pereira, apesar das diferenças entre as regiões do Estado, a soja tem conseguido patamares crescentes de área e produção na Metade Sul. “Uma combinação de fatores, como aspectos logísticos de proximidade do Porto de Rio Grande e a contribuição para o melhoramento da pecuária, faz com que a soja proporcione à Região Sul um grande potencial. Ela veio para ficar”, destaca. O exemplo da consolidação vem de Cachoeira do Sul, município da Metade Sul, que deve plantar 142,7 mil hectares de soja nesta safra, segundo a Emater. Em área, Cachoeira fica atrás somente de Tupanciretã, cidade da Metade Norte, que planta 146 mil hectares.

O presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado (Aprosoja/RS), Luis Fernando Marasca Fucks, de Giruá, é cauteloso ao falar sobre soja no Sul, mas reconhece que, na medida em que a pesquisa for avançando e o produtor for aprendendo com experimentação empírica, com novas variedades, novas formas de drenagem e semeadura, poderá conseguir um incremento de produtividade. “São ajustes que não acontecem do dia para noite”, avalia. Mesmo assim, Fucks considera difícil os municípios sulistas alcançarem patamares semelhantes aos do Norte.



Arroz (à esquerda) e soja (à direita) formam boa dobradinha para rotação de culturas

Exigências diferentes

Cultivo da oleaginosa na Metade Sul requer cuidados com drenagem e inundações, nutrição do solo, desenvolvimento de cultivares e mão de obra capacitada, entre outros itens

O cultivo de soja na metade Sul do Rio Grande do Sul é anterior à expansão da última década. Segundo a Aprosoja, há relatos de que ainda nos anos 1970, época do *boom* da cultura no país, plantações do grão já apareciam na região de forma experimental. Ao longo das décadas, houve aumento e diminuição da área plantada, quebra de safras e propagação de doenças como a ferrugem-asiática no início dos anos 2000. A estabilização da soja ocorreu somente de dez anos para cá. Na safra de 2006/2007, a metade Sul plantou em torno de 700 mil hectares do grão, conforme dados do IBGE. Na safra atual, pode chegar a 1,7 milhão de hectares. Mas o caminho ainda é cheio de oportunidades para avançar. O professor do Departamento de Fitotecnia da UFSM, Enio Marchesan, recomenda que, ao ocupar lavouras de várzea para a soja, é necessário minimizar estresses causados tanto pelo excesso de água quanto pela escassez. Pelo fato de a soja não tolerar períodos de encharcamento do solo, o professor indica que o produtor invista em uma boa drenagem das áreas de várzea e também potencialize a irrigação onde há histórico de seca. “Se não melhorar a drenagem há morte de plantas e problemas de fungo por falta de oxigenação do solo”, adverte.

Marchesan acrescenta que, ao se levar a soja para uma área de arroz, há necessidade de nutrir o solo. “O arroz não pre-

cisa de um preparo profundo do solo porque a água faz uma correção do parâmetro químico. O contrário acontece com a soja, que precisa de um ambiente mais fértil. Tem que ser elevado o PH do solo, com aplicação de fósforo e potássio”, explica. Segundo o professor, outra dificuldade que ocorre na região é o manejo com uso da palhada da própria cultura do arroz para a soja, porque, se por um lado a cobertura do solo ajuda a minimizar a infestação de plantas daninhas, por outro a quantidade de palha pode afetar a semeadura no melhor momento.

Outra exigência da metade Sul são variedades que deem conta da diversidade de solos. A pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, Ana Cláudia Barneche de Oliveira, diz que a instituição de pesquisa tem um programa de melhoramento em nível nacional. “Existe uma ação, com foco na rotação com arroz, que busca selecionar novas cultivares, em parcerias com empresas. Acredito que, dentro desse programa, em quatro ou cinco anos, podem chegar ao mercado novas cultivares, com boa produtividade e boa tolerância à seca ou encharcamento”, prevê.

A pesquisadora da Embrapa Clima Temperado, agrônoma Ana Paula Afonso da Rosa, com estudos na área de entomologia, diz que, pelo fato de municípios da metade Sul estarem mais próximos das lagoas dos Patos e Mirim e no nível do mar, é diferente a incidência da popula-

ção de insetos na comparação com a metade Norte. “No Norte, eles têm o problema do percevejo, que prefere clima mais seco. Já no Sul temos mais dificuldade de controlar a lagarta falsa-medideira. Ela prefere ficar na parte mais baixa da planta e esbarramos na tecnologia de aplicação do inseticida. Quando chove muito, não conseguimos entrar na área de várzea para fazer controle”, salienta.

Como para todas as lavouras, as condições climáticas também são determinantes para a produtividade. O professor Marchesan acredita que melhores prognósticos climáticos também poderiam ajudar mais o produtor. “Neste verão, estamos tendo excesso de chuva, quando se falava em La Niña. O produtor tomou uma decisão para o La Niña e agora as condições são outras”. Ele diz que a cultivo da soja também requer mão de obra capacitada. “É preciso ter equipe técnica e mão de obra que conheçam as condições dessa nova planta, que é muito diferente do arroz. Essas duas culturas estão ocupando mão de obra ao mesmo tempo, mas será que essas pessoas estão treinadas para os cultivos diferentes?”, questiona. Marchesan recomenda ainda que cada produtor faça um “cantinho da inovação”, para experimentar e buscar avanços. “Temos que buscar mais conhecimento, nos preparar sempre para o pior cenário. O cantinho da inovação, nas lavouras pode ser uma escola de aprendizagem”.

BENEFÍCIOS PARA O ARROZ E A PECUÁRIA

Apesar dos desafios para aumentar a produtividade da soja na região, nenhum produtor nega o legado que a cultura tem deixado para a Metade Sul. Uma das vantagens é que a oleaginosa fixa no solo nutrientes básicos para outras culturas, como arroz e milho. “Lavouras de arroz semeadas sobre a resteva da soja têm condições de colher hoje, no mínimo, 10 sacos por hectares a mais do que se não fosse sobre a resteva”, compara o diretor técnico do Irga, Maurício Fischer. Outro fator é o benefício à pecuária de corte. O vice-presidente da Farsul, Gedeão Silveira Pe-

reira, explica que, apesar de o grão avançar sobre a área da pecuária durante o verão, no inverno há uma compensação pelo favorecimento ao cultivo das pastagens sobre a palha da soja. “A melhor nutrição dos animais vem contribuindo para uma carne de mais qualidade e um maior índice de prenhez nas vacas”.

Os municípios sulistas têm ainda vantagem logística pela proximidade do Porto de Rio Grande, que escoou, em 2016, 9,7 milhões de toneladas do grão. “Quem tem que transportar soja lá de Passo Fundo, Júlio de Castilhos, Ijuí, Tupanciretã

tem o frete dobrado e valor dos insumos mais alto em relação às cidades que ficam mais ao Sul”, observa Pereira. O professor da UFSM, Enio Marchesan, cita ainda como ponto positivo a disponibilidade de água na Metade Sul, potencializando a irrigação como prática de manejo, e a disponibilidade de terras para aumentar o espaço das lavouras. A pesquisadora Ana Cláudia, da Embrapa Clima Temperado, diz que, somente na área ocupada hoje pelo arroz – de 1 milhão de hectares, segundo o Irga – seria possível usar 600 mil hectares para produção de soja.

Expansão consolidada

Cultura experimentada desde os anos 1970 na região de Camaquã quintuplicou área em pouco menos de uma década

Em Camaquã, a soja apareceu na década de 1970, momento em que se buscava alternativas econômicas para a várzea. “Foram feitos ensaios com a soja antes mesmo da formação da Embrapa (1973). Em Camaquã e nos distritos da época, Arambaré e Cristal, se plantavam 30 mil hectares de arroz e 30 mil de soja, entre os anos 70 e 80”, conta o agrônomo e produtor de arroz e soja de Camaquã, Roberto Jaeger, com suas lavouras cultivadas a 190 quilômetros do Porto de Rio Grande.

Apesar do histórico de experimentos e de estar incluída há muitos anos no zoneamento agrícola da soja, a região de Camaquã conseguiu consolidar a oleaginosa somente na última década. Na safra 2006/2007, nos municípios de Camaquã, Arambaré e Cristal foram semeados 7,6 mil hectares com o grão. No ciclo 2014/2015, a área foi quintuplicada, chegando a 40,9 mil hectares, segundo o IBGE.

Para Jaeger, a expansão se deu porque a soja conseguiu oferecer ao arroz uma condição melhor de solo e de controle do inóculo. “Conseguimos formar um sis-



MAURO SCHAEFER

Em Camaquã, Jaeger costuma fazer o plantio das duas culturas com algumas semanas de diferença para não ter problemas de logística na colheita

tema de produção depois de uma seleção muito rigorosa, de muitos testes”, diz o produtor, que planta 400 hectares de soja e 400 de arroz, e faz a rotação entre as culturas de dois em dois anos. Apesar de ter conseguido produtividade acima da estadual, com 3.060 quilos por hectare na safra passada, o agrônomo acredita que pode incrementar esse rendimento de 20% a 30% se conseguir melhorar o manejo da lavoura e se as condições climáticas forem favoráveis.

Com a experiência adquirida nos últimos anos, Jaeger diz que um aspecto fundamental para a produção na várzea é a melhora da fertilidade do solo, com

uso de calcário para aumentar os índices de PH. “Também costumo fazer o plantio das duas culturas com algumas semanas de diferença para não complicar o plantio e não ter problema de logística no momento da colheita”, revela. Apesar da disponibilidade de água da região, Jaeger cita que é necessário muito cuidado com a irrigação. “O sistema de irrigação para a soja ainda não está muito dimensionado na várzea. Ainda temos que aperfeiçoar como e quando irrigar, para não morrermos do próprio remédio. Acredito que em um futuro próximo poderemos chegar a uma boa solução com irrigação por sulcos”.

✉ faleconosco@grupodb.com.br

☎ (55) 3281.0123

📱 /DagobertoBarcellos

🌐 www.grupodb.com.br

Onde tem TERRA PRODUTIVA, tem calcário DB



O calcário DB possui alto índice de pureza e alto grau de finura facilitando a sua absorção e garantindo maior força no PRNT. Um produto que atende as necessidades da agricultura de precisão.



Produzindo com a natureza!

UM FÓRUM ATENTO AOS EFEITOS NEFASTOS DOS AGROTÓXICOS

LEANDRO GODINHO / DIVULGAÇÃO / CP



SUZETE BRAGAGNOLO
Procuradora da República e coordenadora do Fórum Gaúcho de Controle aos Impactos dos Agrotóxicos

O Fórum de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos busca alertar e conscientizar a todos dos efeitos danosos de venenos que afetam as culturas, os trabalhadores que os utilizam diretamente e os consumidores

No artigo “Veneno falado e escrito”, publicado neste espaço em 8/1/2017, o presidente da Fedearroz fez críticas a ONGs e fóruns “trabalhando em campanha denominada contra o agrotóxico”. Cabe esclarecer que o Fórum Gaúcho de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos é formado por 54 entidades públicas e civis, não se tratando de um mero “grupo intelectual” trabalhando “contra o agrotóxico”. Além do fórum no RS, existem o nacional e outros em 20 Estados. É espaço de debate de questões relacionadas aos impactos negativos dos agrotóxicos, possibilitando a troca de experiências e a articulação em rede da sociedade civil, instituições e Ministérios Públicos Federal, do Trabalho e Estadual, para fomentar ações de proteção à saúde e ao ambiente. Busca alertar, conscientizar produtores e consumidores, tendo em vista os efeitos danosos desses venenos, que afetam não apenas as culturas nas quais são aplicados, mas também os trabalhadores que os utilizam diretamente e os consumidores dos alimentos que receberam o “tratamento”. Afetam todo o ecossistema e a cadeia alimentar. Na contramão de recomendações internacionais, o Brasil tornou-se o maior consumidor de agrotóxicos do mundo, com 19% do mercado internacional, e esse setor segue em crescimento. O sistema brasileiro é muito apreciado por essa indústria, pois aqui se consegue vender produtos que nem na China são permitidos. Isso sem falar no que é ilegal, tendo sido apreendidas no Rio Grande do Sul, até

setembro de 2016, mais de 19 toneladas (Sindiveg).

A aviação agrícola amplia o uso de venenos. Entre os impactos mais graves está a deriva, dispersão no ambiente. São inúmeras as denúncias de contaminação de mananciais de água, lavouras lindeiras, escolas e moradores de locais próximos às áreas de aplicação. O fórum, inclusive, recebeu denúncias em audiências públicas no interior do RS. A pulverização também está relacionada com a mortandade de abelhas. A falta de estrutura das instituições que fiscalizam a atividade e a utilização de instrumentos arcaicos dificultam o controle. O fórum tem se empenhado no implemento do monitoramento informatizado das aeronaves.

O glifosato, agrotóxico mais utilizado no Brasil, foi enquadrado como muito perigoso, podendo ser aplicado no pré plantio ou no pós plantio nas lavouras transgênicas de milho e soja, havendo agricultores que utilizam como secante no trigo. Do ponto de vista da medicina, os agrotóxicos são vistos como um risco químico, sendo exemplos dos seus efeitos sobre a saúde o câncer, dermatites, desregulação endócrina, efeitos sobre o sistema imunológico, infertilidade, malformações, abortamentos, sistema nervoso, etc. São prejudiciais à segurança alimentar e não são a única alternativa existente para o “alimento barato”. A troca de experiências no fórum tem apontado a agroecologia como uma alternativa viável e sem os mesmos efeitos nefastos.

3º SIMPÓSIO DA CARNE DEVON

Encontro integrante da programação da Festa Nacional do Churrasco e do Rodeio Crioulo Internacional trata do cenário futuro da raça bovina na perspectiva da pecuária nacional.

Data: 25 de janeiro.

Local: CTG Alexandre Pato, em Lagoa Vermelha.

REUNIÃO INFLUENZA

Evento reúne produtores, técnicos, empresários, entidades e autoridades ligadas à avicultura para chamar a atenção sobre a importância de medidas preventivas e de controle da influenza aviária, que teve casos confirmados no Chile recentemente. Inscrições até o dia 23 pelo e-mail secretaria@asgav.com.br ou telefone (51) 3228-8844.

Data: 26 de janeiro

Local: Hotel Embaixador, em Porto Alegre.

TEMPO DE VINDIMA

Atividades diversificadas como workshops, shows, venda de comidas na rua, exposições, desfiles e visitas a vinícolas celebram a colheita da uva em Flores da Cunha.

Data: de 27 de janeiro a 19 de março (agenda no site www.floresdacunha.rs.gov.br.)

Local: município de Flores da Cunha.

2ª EXPO AGRO – COTRICAMPO

Palestras técnicas, apresentação de pesquisas de campo, venda de máquinas e demonstração de tecnologias estão entre os atrativos do evento voltado aos produtores da área de atuação da Cotricampo, que tem 9 mil associados.

Data: 16 e 17 de fevereiro.

Local: Rodovia ERS 518, Km 1,5, em Campo Novo.

As percepções que temos de todos os fatos da nossa vida são apenas parciais. Na verdade não “vemos” a maior parte daquilo que acontece ao nosso redor. Ainda bem. Se vissemos tudo, se conhecêssemos essas vicissitudes com pormenores não teríamos um minuto de paz e serenidade nesta curta vida, não teríamos nem sonhos, nem esperanças, nem desventuras e nem alegrias. Pelo simples fato de que saberíamos de antemão tudo o que iríamos viver. Ou seja, não teria graça nenhuma. Em compensação, sendo a vida assim, imprevisível, cada dia é uma espécie de aventura, nem sabemos se vamos acordar vivos. Se acordamos, não sabemos se terminaremos o dia. Tudo é uma incógnita e é nesse desconhecimento que reside o mistério de nosso viver.

Foi o que aconteceu com Mariano. Depois de caminhar mais de 15 quilômetros pela estrada que levava da sua casa, no interior do município, até a sede da Vila Rica, decidiu descansar embaixo da vasta ramada de uma frondosa paineira, à beira da estrada. Nos dois dias anteriores, o rapaz havia trabalhado muito fazendo taipas numa lavoura de arroz. Cansado daquele martírio nas várzeas do Toropi, decidiu pegar suas coisas (na época, cabia tudo numa trouxa) e procurar uma tia que mantinha um comércio de roupas na cidade. Tudo poderia ter mudado completamente quando Joana, filha de um fazendeiro, o viu dormindo profundamente. Ela ficou encantada com o rapaz, com aquele rosto calmo e sereno. Pensou em acordá-lo, mas como estava sozinha, não achou de bom tom e decidiu ir embora. Montou em seu



CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

O que se perde na estrada



tordilho e ficou dias pensando no moço, até esquecê-lo.

Cerca de quinze minutos depois, o doutor José Antônio e sua esposa decidiram parar a caminhonete Rural exatamente naquele ponto. A senhora, já avançada nos anos e ainda sem filhos, viu o rapaz na plenitude de seu sono e chamou o companheiro. Disse-lhe, veja meu marido, que lindo guri, quem sabe não podia ser o filho que tanto queríamos e nunca conseguimos ter. O doutor, um homem que era abastado, cheio de posses, parou, pensou e depois explicou à esposa que não era conveniente, vai que aquele jovem fosse uma pessoa de índole ruim, que viesse a trazer problemas ao casal. “Se até agora não tivemos filhos, por que arriscar?”, disse o doutor. Depois foram embora e nunca mais tocaram no assunto.

Mal saíram do local, apareceu uma dupla de ladrões, enxergou Mariano dormindo e cobiçou a trouxa. Um deles ficou com a faca sobre o coração do rapaz e o outro decidiu pegar o embrulho. Porém, neste momento, um cão perdigueiro aparece, e os larâpios se assustam. “Deve ter um caçador por perto”. Esse detalhe salvou a vida do nosso herói. Nestas três ocasiões, a vida de Mariano poderia ter mudado. Conosco também é assim, fatos passam por nós, outros vêm e nos transformam em outras pessoas. E o Mariano? Bem, o Mariano acordou logo depois, lavou o rosto no açude ao lado e seguiu seu caminho. Sem saber de nada disso que poderia ter alterado seu destino. Poderia, mas nada ocorreu. Porque somos o resultado de uma porção de coisas que aconteceram e de centenas de milhares que passaram raspando. Perderam-se nas curvas da nossa estrada.

COTAÇÕES & MERCADO

Preços ao produtor (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	46,00	48,31	51,50
Feijão	saco 60 kg	159,00	211,50	360,00
Milho	saco 60 kg	27,00	30,99	48,00
Soja	saco 60 kg	62,50	67,53	77,00
Sorgo	saco 60 kg	27,00	28,55	32,00
Trigo	saco 60 kg	27,00	28,24	32,00
Boi gordo	kg vivo *	4,70	5,08	5,45
Vaca gorda	kg vivo *	4,10	4,55	5,00
Suíno	kg vivo	3,03	3,37	4,70
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	5,00	5,69	6,50
Leite	litro	0,90	1,08	1,25

Semana de 16/01/2017 a 20/01/2017 | * Prazos de 20 ou 30 dias

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	10.602,9	11.636,0
Feijão	2.515,0	3.124,1
Milho	66.570,8	84.480,2
Soja	95.434,6	103.778,3
Trigo	6.726,8	6.726,8

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	2.007,8	1.943,6
Feijão	2.837,5	2.980,8
Milho	15.922,5	16.093,3
Soja	33.251,9	33.787,2
Trigo	2.118,4	2.118,4

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	7.356,6	8.255,3
Feijão	122,0	125,2
Milho	5.892,7	5.173,1
Soja	16.201,4	15.381,0
Trigo	1.464,2	2.497

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2015/16	Safra 2016/17
Arroz	1.076,0	1.100,7
Feijão	67,9	75,4
Milho	823,0	804,9
Soja	5.455,0	5.493,2
Trigo	861,3	776,9

Dados do 4º Levantamento de Safra da Conab